

---

## **Comunicação e Tradução audiovisual em Língua Brasileira de Sinais: Um relato de experiência<sup>1</sup>**

Denise Costa Martinelli<sup>2</sup>  
Dáfne de Almeida Fonseca<sup>3</sup>  
Arlete Marinho Gonçalves<sup>4</sup>

Universidade Federal do Pará

### **Resumo**

O presente trabalho tem o objetivo de relatar a experiência vivida por tradutores intérpretes de Língua de sinais ao executarem uma atividade de tradução audiovisual para a Língua Brasileira de Sinais – Libras em um curso de capacitação para tradutores intérpretes de Língua de sinais no ensino superior ocorrido na Universidade Federal do Pará em 2019. A cultura audiovisual é incomum para os surdos, pois a barreira linguística os impede de assimilar 100% do conteúdo de produtos que diariamente rodam nos meios de comunicação. Para acessibilizar tais conteúdos é necessária a inserção da janela de Libras, prevista em lei. Assim, levamos em conta os estudos de Plaza (2003) sobre a tradução intersemiótica e destacamos a estratégia da tradução minorizante de Lawrence Venuti discutido por Segala (2010) e como ela pode ser de ajuda ao realizar traduções em Libras no contexto audiovisual.

### **Palavras-chave**

Tradução; Libras; língua de sinais; tradução intersemiótica.

### **Introdução**

Este trabalho teve como objetivo a análise do processo de tradução feita a partir de uma atividade de tradução realizada em um minicurso de capacitação para os tradutores intérpretes de Língua Brasileira de Sinais – Libras/Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará – UFPA com o tema “Práticas de tradução e interpretação

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Tradutora intérprete de Língua Brasileira de Sinais na Universidade Federal do Pará. Mestranda no programa de pós-graduação em Letras na linha de pesquisa estudo linguísticos da Universidade Federal do Pará - UFPA, Especialista em Libras pela FAEL, Bacharela em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. *E-mail:* dcmartinelli@ufpa.br/denise costa18@hotmail.com

<sup>3</sup> Tradutora intérprete de Língua Brasileira de Sinais da Universidade Federal do Pará - UFPA. Graduanda do curso de licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. *E-mail:* dafnealmeidafonseca@gmail.com

<sup>4</sup> Docente da disciplina “concepções e métodos de ensino de surdos/ LIBRAS e Educação Especial” na Universidade Federal do Pará – UFPA. Professora do programa de pós-graduação criatividade e inovação em metodologias de ensino superior – PPGCIMES/UFPA. Coordenadora da Coordenadoria de Acessibilidade vinculada à Superintendência de Assistência Estudantil da UFPA. Doutora em Educação pela UFPA. Mestre em educação pela Universidade Estadual do Pará – UEPA. Especialista em educação infantil pela UEPA e em Tradução e Interpretação em Libras/LP2 pela Faculdades Ipiranga. Graduada em Pedagogia pela UFPA.

de Libras – Língua Portuguesa no ensino superior”. Um vídeo publicitário em Língua Portuguesa foi usado como texto de partida a ser traduzido para a Libras, texto de chegada.

A análise se deu desde o processo de tradução do texto até o processo de gravação do vídeo em Libras. Por se tratar de uma atividade não houve a edição do produto final, no entanto, houveram discussões entre os três tradutores sobre as possibilidades de edição do texto. Que escolhas tradutórias seriam feitas para se adequar ao produto audiovisual? O que é necessário para realizar uma tradução satisfatória ao público alvo do texto em Libras?

Nascimento (2011) salienta que os surdos por serem telespectadores impossibilitados de acessar as informações por meio da audição ficam em parte de fora no que diz respeito ao acesso à transmissão da cultura audiovisual. Nesse sentido, a capacitação dos profissionais que atuam na mediação da comunicação entre surdos e ouvintes dentro da universidade visou não apenas a tradução e interpretação no campo educacional, mas também em diversificados contextos, dentre eles na tradução e interpretação audiovisual.

A partir das legislações, como as Leis nº10.048/00 e 10.098/00 e o Decreto nº5.296/04, que as regulamenta, preveem o acesso à meios de comunicação e informação a pessoas com deficiência, os trabalhos realizados na área da comunicação, como acessibilizar vídeos com janela de Libras vem crescendo dentro da universidade.

A lei brasileira da inclusão 13.146/2015 diz que devem ser feitas adaptações razoáveis afim de “assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (BRASIL, 2015). Portanto, em virtude das leis, as adaptações vão sendo realizadas afim de atender as exigências de um público de pessoas surdas que vem se tornando cada vez mais participativas na sociedade.

No título III, capítulo II – do acesso à informação e à comunicação no artigo 67 diz que: “Os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros: I - subtitulação por meio de legenda oculta; II - janela com intérprete da Libras” (BRASIL, 2015).

---

Tendo em vista essas exigências previstas em leis, é importante pensarmos e analisarmos as variadas formas e tipos de tradução que podem ser realizadas, nesse caso tradução semiótica, esta, em interface com a comunicação.

Práticas de tradução audiovisual em Língua de Sinais são atividades novas em resultado de reivindicações da comunidade surda a partir do reconhecimento e regularização da sua língua de sinais no nosso país por meio da lei 10.436/2002 e do decreto 5.626/2005. Se inscreve uma nova história em nossos tempos, pois

[...] as formas tecnológicas da atualidade como formas re-correntes da história. Queremos dizer, em síntese, que passado-presente-futuro, ou original-tradução-recepção, estão necessariamente atravessados pelos meios de produção social e artística, pois é na tradução dos momentos da história para o presente que aparece como forma dominante, “não a verdade do passado, mas a construção inteligível de nosso tempo” (PLAZA, 2003, p. 13).

Para que houvesse tradução que respeite as particularidades da língua de sinais tivemos que observar algumas estratégias.

### **A tradução minorizante de Lawrence Venuti no processo de produção de texto audiovisual**

As estratégias de tradução de Lawrence Venuti, a tradução minorizante, a domesticadora e a tradução estrangeirizadora destacadas no trabalho de Segala (2010) foram discutidas no minicurso e tomadas como base teórica principal para a realização da tradução.

Na tradução domesticadora, o tradutor transpõe características da cultura da língua de partida para a cultura da língua de chegada, ou seja, ele precisa se preocupar em adaptar o ritmo, as imagens etc. de uma cultura usuária da língua oral para a cultura surda.

Segala (2010) explica esse processo da seguinte forma:

Se o texto é de um autor ouvinte que compartilha a cultura e os valores sociais da comunidade ouvinte de Língua Portuguesa, sabemos que o texto não pode simplesmente ser traduzido “literalmente”; é necessário que o tradutor adapte-o para a cultura surda, ou seja, as imagens, valores e significações têm de ser considerados do ponto de vista do surdo. Isso vale para qualquer tipo de texto: acadêmico, literário, jornalístico etc. Na adaptação, busca-se a invisibilidade do autor do original, isto é, as marcas próprias de autoria e de identidade cultural são transformadas para que o texto traduzido tenha uma “identidade surda”. Assim, o surdo lê a tradução e a entende, mesmo que saiba que o original foi produzido por um ouvinte. (SEGALA, 2010, p. 47)

Segala (2010) destaca também a tradução estrangeirizadora de Venuti. O tradutor ao fazer uma tradução não se preocupar em fazer adaptações, observa-se vestígios da língua e cultura original, como palavras, frases etc. Ele respeita as marcas linguísticas e culturais da língua original. No entanto, esse tipo de tradução pode tornar embaçada a compreensão dos sentidos para os surdos.

Por fim, temos a tradução minorizante. Nesse tipo de tradução, o tradutor toma o cuidado de fazer adaptações para o texto de chegada mas não a ponto de apagar totalmente as marcas culturais e linguísticas do texto de origem. Desse forma “o leitor do texto traduzido percebe as marcas da sociedade, da cultura, da época e da língua em que o original foi produzido, mas sente-se confortável, porque percebe esses vestígios em relação à sua própria sociedade, cultura, época e língua” (SEGALA, 2010, p. 50).

Outro autor que fala de tipos de tradução é Roman Jakobson (1995), para ele existem três tipos de tradução, a intralingual, a interlingual e intersemiótica. Ao definir tradução intersemiótica ele diz que “a tradução inter-semiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (JAKOBSON, 1995, p. 65). Nesse sentido, encontramos no texto do vídeo publicitário tanto linguagem verbal quanto linguagem não verbal. Com isso, os tradutores tiveram que realizar o processo de transmutação das duas formas de linguagem para a Libras.

Quando nos reportamos à tradução de um sistema linguístico para o outro podemos dizer que se aplica a tradução interlingual, no caso de línguas de mesmo modalidade, isto é, entre línguas orais. Entretanto, quando a tradução acontece entre línguas de modalidades diferentes, uma língua oral auditiva e uma língua de modalidade visual espacial Segala (2010) chama essa forma de tradução de intermodal.

A tradução de acordo com Plaza (2003) é uma trama entre passado-presente-futuro. Dependendo da direção do nosso olhar essa relação no momento da criação se modifica dependendo a qual dos polos quer se destacar. Assim, ele estabelece um “paralelo entre o *passado como um ícone*, como possibilidade, como original a ser traduzido, o *presente como índice*, como tensão criativo-tradutora, como momento operacional e o *futuro como símbolo*, quer dizer, a criação à procura de uma leitor” (p. 8). Nesse respeito, podemos compreender esses polos da seguinte forma: o passado se configura como um conjunto “indeterminações e possibilidade icônicas para o presente”, isto é, para a tradução. O presente como índice, se refere à “tradução como presente” que

---

“sobredetermina seu original, seu passado”. E o futuro como símbolo, quer dizer que do “presente para o futuro, a tradução determina seu leitor”. (PLAZA, 2003, p. 8-9)

Sincronicamente a tradução dispõe uma visão do passado como ícone, pertencendo as nossas experiências passadas. De acordo com o pensamento de Pierce destacado por Plaza, “o ícone só existe como imagem no espírito” (PLAZA, 2003, p. 9) Isso envolve escolhas tradutórias. O índice remete-se a experiência presente, nesse sentido, a tradução transforma o presente por meio da criação de sentidos. O valor de um símbolo que é característica do polo futuro, torna racional “o pensamento e a conduta e permite-nos predizer o futuro” (PLAZA, 2003). Portanto, a tradução intersemiótica se constrói a partir da concretização sígnica.

Como já mencionado, a Libras é uma língua de modalidade visual espacial, ou seja, o locutor usa as mãos e o corpo para expressar as informações de um enunciado, enquanto que o interlocutor usa o sentido da visão para assimilar essas informações. Em contra partida a língua portuguesa é de modalidade oral auditiva. Dessa forma, a Libras tem características icônicas onde há semelhança entre a forma de um signo e o que ele representa. Entretanto, a iconicidade não é a única característica das línguas.

Para a realização dos sinais<sup>5</sup> são utilizados três principais parâmetros, a configuração das mãos, o movimento e a locação, estes estão relacionados com a forma das mãos, os movimentos realizados na execução do sinal e o local no corpo do falante de língua de sinais respectivamente (QUADROS e KARNOPP, 2004). No processo de tradução, à vezes, os tradutores se deparam com trechos difíceis de traduzir, não havendo uma correspondência na língua de sinais para o que está sendo dito em língua portuguesa. Assim a semiótica permite que usemos outros códigos simbólicos, além das palavras/sinais pertencentes ao vocabulário da língua de sinais, para representar uma ideia. Nessa perspectiva intradutória Nakagawa e Nakagawa (2017) salientam que:

Entre o existente e o que está por vir, o tempo é corrompido pelo espaço e, nele, não se instauram apenas relações de identidade e de fidelidade, as quais não se, equivalem nem tampouco se igualam. Ao contrário, por meio do confronto e da comparação entre elas, é possível perceber que também existe o intraduzível, o algo que não pôde ser capturado e, portanto, permitiu que em seu lugar surgisse outra coisa. O intraduzível é evidenciado pelos limites impostos tanto pela linguagem quanto pelos meios e procedimentos no momento das tentativas de apropriação das informações advindas de outra linguagem. (NAKAGAWA e NACAGAWA, 2017, p. 3-4)

---

<sup>5</sup> Os termos “sinais” e “sinal” nesse artigo é usado para se referir às palavras do vocabulário da Língua Brasileira de Sinais.

Por isso, na morfologia das línguas de sinais os classificadores (CLs) assumem a função dessa outra coisa mencionada pelos autores, eles são na maioria das vezes usados como ponto de partida na criação de um sinal ou como suporte para expressar algo que não existe sinal na língua de sinais.

Nessa perspectiva, os usuários diretos da Libras, isto é, os surdos, necessitam acessar os materiais audiovisuais traduzidos com essas características visuais marcantes. Infelizmente o que está presente muitas vezes em textos traduzidos para a Libras não são características condizentes com a cultura surda. Segala (2010) afirma que

Nas traduções, é como se a cultura ouvinte dominasse a Língua de Sinais e prevalecesse sobre a cultura surda, que fica em segundo plano, quase apagada. As traduções [...] — não trazem as sutilezas da cultura surda; é como se fossem feitas por estrangeiros. Muitos surdos gostariam que esse problema fosse equacionado, outros até aceitam, porque entendem que não há solução possível para essa questão, mas as reclamações são muito intensas. (SEGALA, 2010, p. 45)

Essa afirmação indica que para traduzir o texto com mais eficácia é necessário mais de um tradutor, pois, o processo de tradução é mais complexo do que imaginamos, pois no que tange a este processo o pensamento em si já age na perspectiva da tradução quando identifica signos; de acordo com Plaza (2003, p. 18) “por seu caráter de transmutação de signo em signo, qualquer pensamento é necessariamente tradução. Quando pensamos, traduzimos aquilo que temos presente à consciência [...] em outras representações que também servem como signos”.

Tal processo mental ocorre quando o tradutor produz um enunciado a partir de uma tomada de decisão. Portanto, sempre quando ocorre uma tradução o trabalho em equipe de consulta a outros profissionais tradutores é de suma importância visto que nem sempre o pensamento do emissor do discurso traduzido corrobora a informação do texto de origem.

Além disso, a tradução comentada é um gênero pertinente na análise do texto de chegada uma vez que “quando pensamos, somos obrigados a manter o pensamento conosco mesmos e, nessa operação, criamos um observador-leitor desse pensamento que somos nós mesmos, visto que o pensamento se desenvolve por etapas”. (PLAZA, 2003, p. 18).

## **Metodologia**

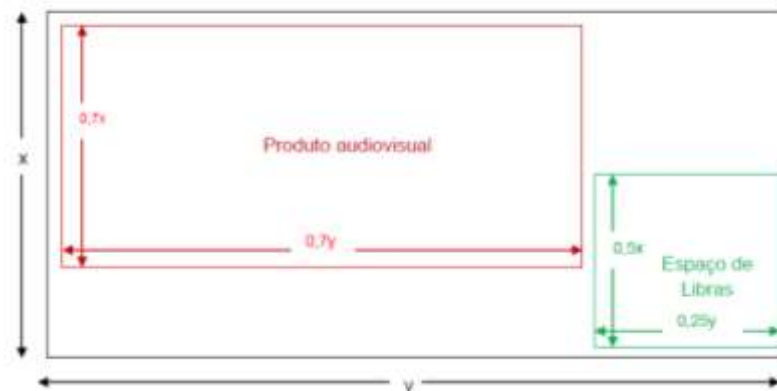
A pesquisa se fundamenta na abordagem qualitativa, e utiliza como técnica a análise de uma tradução comentada, que pode ser compreendida como “um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo [...], relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida”. (CHIZZOTTI, 2011, p. 101).

Três tradutores participaram nesse processo de tradução e análise. Eles atuam como profissionais tradutores e intérpretes no ensino superior, participando em atividades de tradução e interpretação nos mais variados contextos relacionados ao tripé que sustenta a Universidade Federal, isto é, ensino, pesquisa e extensão. As imagens coletadas para este trabalho são do intérprete Wallace Queiroz que participou do processo de tradução.

A tradução comentada foi realizada com base no vídeo gravado para o texto final em Libras de um vídeo publicitário de um medicamento.

A tradução foi realizada pensando na edição com a janela de Libras. De acordo com o “Guia orientador para acessibilidade de produções audiovisuais”<sup>6</sup> a janela de Libras deve respeitar as seguintes medidas para uma visualização confortável:

**Figura 1:** Proporções em relação ao espaço de Libras na tela.



**Fonte:** Guia orientador para acessibilidade de produções audiovisuais

Assim como orientado no guia, o intérprete se posicionou ao lado esquerdo da tela na realização da atividade em sala. Para fazermos as filmagens usamos a câmera digital de um *smartphone* e um tripé de 15cm para que a filmagem ficasse fixa. Como não tínhamos uma tela para servir de espelho para o intérprete, um segundo intérprete fez a leitura do texto em Libras em voz alta e o intérprete, à medida que ia escutando as palavras, realizava os sinais.

<sup>6</sup>Material disponível no site da câmara Legislativa:  
[https://www.camara.leg.br/internet/agencia/pdf/guia\\_audiovisuais.pdf](https://www.camara.leg.br/internet/agencia/pdf/guia_audiovisuais.pdf)



Além do mais, para que a janela de Libras não interfira nas imagens do vídeo original, o fundo do vídeo da janela de Libras deve ser apagado para fazer com que haja a ilusão de que o intérprete faz parte do cenário. Assim, as pessoas surdas podem fazer a leitura dos códigos verbais e não verbais para compreender melhor a mensagem que se objetiva passar por meio daquele comercial.

O texto em Glosa que transcrevemos para orientar na leitura e produção do texto podemos observar a seguir:

**Quadro 1:** Glosa das palavras em português na estrutura da Libras<sup>7</sup>.

NOVO FÁRMACO APONTAÇÃO <sub>(dêitico)</sub> HEMORROIDAS <sub>(CL)</sub> ALIVIAR. LABORATÓRIO TECNOLOGIA CHIQUE PESQUISAR PREPARAR CRIAR FÁRMACO, FOCO HEMORROIDAS <sub>(CL)</sub> VÁRIAS. POMADA PASSAR-ÂNUS <sub>(CL)</sub> PRIMEIRA-VEZ AJUDA JÁ. ÂNUS DESINFLAMAR <sub>(CL)</sub> , CORTE-FECHAR <sub>(CL)</sub> , SANGUE SANGRAR <sub>(CL)</sub> DOR SUMIR. NOVO CAIXA ROSA AJUDA ÂNUS-DESINFLAMAR <sub>(CL)</sub> .
--

**Fonte:** Arquivo pessoal.

As siglas entre parêntese nos sinais dentro do quadro indicam os tipos de sinais que usamos. “Dêitico” significam sinais usados para apontações, que foi o caso do sinal indicado na figura 2 mais abaixo. E a sigla “CL” significa sinais realizados como classificadores, esses sinais não foram convencionados, eles são usados como uma forma de dizer ou representar algo de forma visual e que não tem um sinal específico. De acordo com Quadros e Karnopp (2004) eles podem ser identificados como verbos manuais, no entanto, em nosso texto realizamos um substantivo usando os classificadores.

### **O texto de chegada e as tomadas de decisões**

O vídeo publicitário usado na realização da atividade de tradução no curso de capacitação para tradutores intérpretes de Libras/Língua portuguesa foi retirado da internet em uma plataforma para vídeos sobre uma medicação para tratamento de hemorroidas. O objetivo da atividade de tradução era estimular a memória dos tradutores em realizar uma tradução que respeitasse a singularidade visual espacial da língua de sinais seguindo a estratégia de tradução minorizante de Venuti e ao mesmo tempo que acompanhasse a duração de 30 segundos do vídeo do texto original, visto que alguns termos específicos não tem o sinal em Libras.

<sup>7</sup> O texto em Libras encontra-se no anexo 2.



Utilizarei alguns recortes do vídeo para exemplificar as escolhas que fizemos. Abaixo podemos observar uma das escolhas que fizemos para apresentar o nome do medicamento.

**Figura 2:** Apontação (sinal dêitico) ao medicamento.



**Fonte:** Arquivo pessoal.

Na figura acima, ao invés de utilizarmos a datilologia para “dizer” o nome do medicamento utilizamos a apontação ao produto que aparecia na tela. Inicialmente tivemos que assistir o vídeo para pensarmos nessa estratégia de interação com o vídeo, discutimos que se tivéssemos apenas o texto escrito na língua portuguesa em mãos não teríamos tomado essa decisão importante. Então, imaginamos o intérprete já na janela de Libras fazendo a referência ao produto na tela.

No que tange a tradução intersemiótica numa perspectiva multimidiática

“todos os fenômenos de interação semiótica entre as diversas linguagens, a colagem, a montagem, a interferência, as apropriações, integrações, fusões e re-fluxos interlinguagens dizem respeito as relações tradutórias intersemióticas mas não se confundem com elas” (PLAZA, 2003, p. 12).

Nesse contexto, a imagem representou uma parte integradora no enunciado reproduzido pelo intérprete de Libras.

Na figura seguinte observamos outra decisão importante no que diz respeito ao termo “hemorroidas”. Levamos em conta que para a cultura ouvinte desde pequenos as crianças ouvintes são expostas a comerciais de televisão anunciando este tipo de medicamento, só quando crescem é que assimilam o significado ao nome. O som não faz parte da cultura surda, portanto, muitas vezes surdos que não são bilíngues ou até mesmo aqueles que oralizam em língua portuguesa e são bilíngues não entendem o significado de muitas palavras que parecem comuns aos ouvintes. Este representou um signo que não pode ser interpretado por uma parcela de surdos já que “o interpretante, assim, não é uma

“coisa”, mas antes o processo relacional pelo qual os signos não absorvidos, utilizados e criados” (PIGNATARI, 2008, p. 33). A expressão facial do homem no vídeo junto com a palavra em língua portuguesa, poderia ser entendida com uma patologia, mas qual seria?

**Figura 3:** Indicação icônica do sinal hemorroidas por meio de um classificador.



**Fonte:** Arquivo pessoal.

Para a realização do termo “hemorroidas” decidimos utilizar um classificador, ou seja, um sinal icônico que é a forma do signo em relação ao que ele representa. Com a mão esquerda o intérprete realiza o sinal com configuração de mão em nº 69 como marcador da parte do corpo onde ocorre a patologia, ou seja, no ânus, e com a mão esquerda a configuração da mão nº 08<sup>8</sup> indicando as veias dilatadas ao redor do orifício do ânus. Já que muitas vezes “hemorroida” é um termo usado no contexto médico desconhecido por muitos surdos que não estão inseridos na cultura audiovisual dos ouvintes, apesar de ser específico de uma área e difundido nas mídias por meio de inúmeros comerciais publicitários eles não são acessíveis em Libras.

Assim, decidimos não fazer a datilologia do nome “hemorroida” e sim a representação visual, um classificador, do que significa o termo, pois, no vídeo aparecia o nome na tela, dessa forma, as marcas das duas culturas permaneceram na transposição do texto. Observamos, o fenômeno do olhar direcionado para o polo *presente como índice* destaque por Plaza (2003), como tensão criativo-tradutora. Para transferir o real significado dessa palavra, os intérpretes de Libras tiveram que lançar mão da criatividade.

Na figura seguinte podemos acompanhar o momento em que o comercial fala das quatro ações esperadas do medicamento.

<sup>8</sup> Tabela com configurações de mãos em anexo.

**Figura 4:** Ações esperadas do medicamento.



**Fonte:** Arquivo pessoal.

Para traduzir as quatro ações esperadas do medicamento, o intérprete não se preocupou em acompanhar o tempo da imagem que aparecia na tela, pois em questão de segundos essa imagem desapareceu. Entretanto, as características visuais e espaciais da Libras foi respeitada levando em consideração a linguagem não verbal que apareceu nas imagens seguintes àquela específica que detalhava por meio da linguagem verbal em escrito que apareceu no lado inferior esquerdo da tela das quatro ações do medicamento.

As imagens seguintes mostram pessoas sorridentes e aliviadas demonstrando os resultados do medicamentos. Mas para isso o intérprete com ajuda de outro para observar o tempo do vídeo junto a produção dos sinais conseguiram sincronizar o tempo do texto de partida com o tempo de texto de chegada. Facilitando para o receptor a inteligibilidade dos signos recorrentes no texto.

### **Considerações**

O processo de tradução entre duas línguas de mesma modalidade, ou seja, entre duas línguas orais, exige um esforço cognitivo muito grande de parte dos tradutores, além da competência linguística, é importante que haja outras competências, como conhecer as culturas envolvidadas nas duas comunidades linguísticas além de outros conhecimentos importantes para uma tradução minorizante.

O estudo da tradução intersemiótica pode contribuir para a compreensão de conceitos como o signo, o símbolo, o ícone e o índice para o profissional tradutor intérprete de Libras adquira as competências necessárias para realizar traduções nessas novas demandas que estão surgindo a cada dia.

O processo de tradução de uma língua oral auditiva para uma língua visual espacial não é diferente. As mesmas competências exigidas para os profissionais tradutores de línguas orais são as competências exigidas para os profissionais tradutores de línguas de sinais.

Não obstante, no campo da tradução audiovisual é de suma importância que os tradutores tenham acesso ao vídeo midiático, pois quase sempre eles utilizam os meios visuais daquele material para dar sentido ao que está sendo traduzido.

Ademais, no que diz respeito a posição da janela de Libras em relação ao vídeo apresentado, deve ser levado em consideração as regras da ABNT nº 15290 para edição de vídeos em Libras.

A solicitação dos serviços de um tradutor de um texto audiovisual requer que o vídeo já esteja pronto para a análise das imagens e do tempo do vídeo, pois isso auxiliará numa tradução intersemiótica satisfatória para o público alvo, e, na administração do tempo e escolha e uso de um determinado número de sinais para a sincronia das informações seguindo não só a fala do texto oral, mas também o que as imagens realmente mostram.

Dessa forma, estaremos contribuindo para uma qualidade elevada na tradução e interpretação e das informações audiovisuais para a Libras, além de promover de fato o acesso à informação e à comunicação a pessoas surdas que utilizam a língua de sinais para se comunicar.

## Referências

. **ABNT – NBR 15290 - 2005**. Discorre sobre as regras de *acessibilidade* em comunicação na televisão.

. **Guia orientador para acessibilidade de produções audiovisuais**. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/internet/agencia/pdf/guia\\_audiovisuais.pdf](https://www.camara.leg.br/internet/agencia/pdf/guia_audiovisuais.pdf)

BRASIL, **LBI: Lei Brasileira da Inclusão N° 13.146, de 6 de julho de 2015**.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995.

NACAGAWA, Fábio Sadao; NACAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira. **A construção do signo estético pela tradução intersemiótica**. Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom – Sociedade Brasileira de

Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017.

NASCIMENTO, M. V. B. **Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos.** Dissertação de Mestrado - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

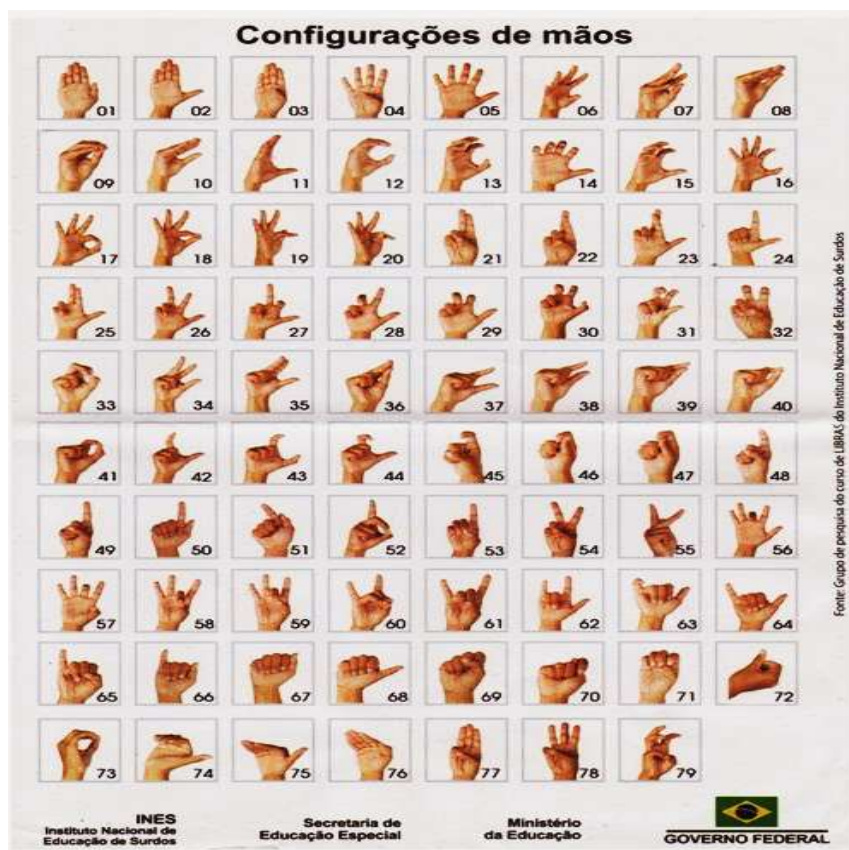
PIGNATARI, Décio. Informação. Linguagem. Comunicação. 3 ed. Cotia, Sp: Ateliê Editorial, 2008.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica.** Coleção estudos. 1ª edição, 2ª reimpressão, Editora perspectiva, 2003.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos.** Artmed, Porto Alegre, 2004.

SEGALA, Rimar Ramalho. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais.** Dissertação de mestrado - Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - UFSC, 2010.

## ANEXO 1 – Configurações de mãos



Fonte:

[https://www.google.com/url?sa=i&source=images&cd=&ved=2ahUKEwiHy\\_XdvKPjAhWOK7kGHRbgA8kQjRx6BAGBEAU&url=https%3A%2F%2Fmoodle.ifsc.edu.br%2Fmod%2Fforum%2Fview.php%3Fid%3D71452&psig=AOvVaw3aaBsu\\_vzIPVfW2zK-itr&ust=1562611801691838](https://www.google.com/url?sa=i&source=images&cd=&ved=2ahUKEwiHy_XdvKPjAhWOK7kGHRbgA8kQjRx6BAGBEAU&url=https%3A%2F%2Fmoodle.ifsc.edu.br%2Fmod%2Fforum%2Fview.php%3Fid%3D71452&psig=AOvVaw3aaBsu_vzIPVfW2zK-itr&ust=1562611801691838)



## ANEXO 2 – Texto na língua de chegada – Libras.



NOVO

FÁRMACO

APONTAÇÃO

HEMORROIDAS



ALÍVIO

LABORATÓRIO



TECNOLOGIA

CHIQUE

PESQUISAR

PREPARAR



CRIAR

FÁRMACO

FOCO

HEMORROIDAS



VÁRIOS-TIPOS

POMADA

PASSAR-POMADA

PRIMEIRA-VEZ



AJUDAR

JÁ

ÂNUS-DESINFLAMAR

CORTE



FECHAR-CORTE

SANGUE

SANGRAR

DOR



SUMIR

NOVO

CAIXA



ROSA



AJUDAR



ÂNUS-DESINFLAMAR.